

Comentário sobre Jesús Martín-Barbero

*Philip Schlesinger**

Introdução

Primeiro, eu gostaria de agradecer à WACC e ao CEA¹ pelo convite para este encontro. A experiência está sendo importante para mim, por permitir que informe mais diretamente sobre o trabalho que vem sendo feito na América Latina. Espero também poder criar espaços para o trabalho de vocês na Europa e, principalmente, torná-lo conhecido no mundo anglófono.

Segundo, uma pequena correção. O programa me apresenta como alguém vindo da ‘Inglaterra’. Bem, sim e não. Eu vivo na Escócia já há alguns anos. Não se trata da mesma coisa, e não é pedantismo da minha parte salientá-lo, pois isso é de grande relevância para o que tenho a dizer adiante.

Terceiro, um pedido de desculpas pelas deficiências do meu castelhano, que é a minha quinta língua. Minhas deficiências tendem a me fazer soar mais simplista do que eu pretendo.

E quarto, antes de iniciar realmente minha contribuição, eu gostaria de partilhar com vocês algumas observações etnográficas. O fato de eu havê-las feito é significativo, pois o estilo e o conteúdo das nossas sessões não são exatamente aqueles que estou acostumado a encontrar em ambientes acadêmicos como este.

- Eu fiquei admirado pela mistura de discursos empregados neste encontro. Eles variam do ético para o científico, passando pelo político.
- O modo de intervenção é bastante pessoal, e às vezes um tanto autobiográfico.

* Doutor em Comunicação e em Sociologia, diretor do Instituto de Pesquisa em Comunicação e Meios da Cidade de Stirling, Escócia. Professor da Universidade de Oslo, Noruega, Catedrático do Curso de Doutorado da Fundación Hispano-Británico da Universidade Complutense de Madrid, membro da Royal Society of Arts e da Academy of Learned Societies in the Social Sciences.

¹ World Association for Christian Communication, promotora do Seminário juntamente com o CEA – Centro de Estudios Avanzados, da Universidade de Córdoba, Argentina. Texto apresentado em inglês, tem tradução aqui de Pedro Amaral.

- Não posso evitar dizê-lo: o uso do tempo nas intervenções revela, digamos assim, uma agradável fluidez — uma observação, de fato, muito nórdica. O que não é surpreendente, já que trabalho na Escócia e na Noruega.
- E então, sou obrigado a perguntar a mim mesmo: “O que é um comentário neste seminário?”. É mais uma conferência alternativa do que um conjunto de observações críticas.

Como podem perceber, eu aprendi bastante sobre como ser latino-americano e agora vou jogar o jogo de acordo com as regras de vocês.

Complexidade e ambivalência

Agora, então, passemos para Jesús Martín-Barbero, cujo trabalho é o tópico deste comentário. É um prazer especial responder à apresentação dele, porque isso significa a continuidade de um intercâmbio que vem se produzindo ao longo da última década.

Estou bastante familiarizado com o seu trabalho, e por isso procurei fazer uma leitura de certo modo distanciada, sem me ater diretamente ao texto. Procurei identificar alguns dos temas-chave presentes em sua apresentação, para tentar fazer e também provocar alguma discussão comparativa sobre as diferenças entre a América Latina e a Europa. Gostaria de responder como um “europeu”, e assim estabelecer uma ligação com o encontro de 1996 em Stirling, do qual este é o sucessor direto.

Na minha leitura, o texto de Martín-Barbero está centrado na questão da crescente complexidade hoje reconhecida como inerente às nossas identidades culturais. Se quisermos responder à poética desse argumento, trata-se evidentemente de uma tentativa de compreender as profundas transformações culturais que enfrentamos atualmente, desconstruindo-as e conceitualizando-as.

As perguntas que contrapus a seu apelo por reconhecimento foram estas: “Reconhecido por quem? Quando? E com que propósito?” Em suma, nem todo mundo admite que é assim que a questão se coloca, pois ela remete a um determinado conjunto de postulados políticos. Martín-Barbero recomenda uma atitude em relação ao futuro que nem todos necessariamente compartilhariam: ele está sugerindo que nós o abracemos, e que não devemos ser tradicionalistas defensivos. E no entanto, ao mesmo tempo que defende que façamos nossos ajustes às novas realidades das identidades culturais fluídas, o texto demonstra inquestionavelmente uma certa dificuldade com a mudança.

Há dois marcos evidentes dessa ambivalência no texto:

Primeiro, há uma clara preocupação em relação ao preço que se está pagando pela transformação cultural, em termos de uma generalizada desfiliação do público das instituições políticas. Os italianos têm uma expressão adequada para isso: eles falam rotineiramente da disjuntiva entre o “*paese reale*” e o “*paese legale*”, com as conseqüências que derivam disso em termos de perda de credibilidade por parte do Estado e uma ampla diminuição da crença no bem público.

Segundo, parece-me sintomática uma certa perplexidade em relação ao status da juventude. Os jovens aparecem como um quebra-cabeça, quase um enigma. Eles estão na vanguarda do processo ou são deslocados de tradições que ainda possuem certa validade? Ou ambos? Eles devem ser compreendidos por seu domínio de técnicas contemporâneas de comunicação ou são antes a expressão de novas e desestabilizadoras relações e práticas de comunicação?

Temas centrais

A palestra aborda diversos temas-chave, dentre os quais estes são os que eu considero mais importantes.

1. *Os limites da democracia liberal*: Martín Barbero pergunta, fundamentalmente, como a diversidade cultural pode ter lugar em condições de igualdade entre os cidadãos e como devemos manter os conflitos de interesses dentro de certas normas.
2. *A questão do nacional*: A partir de onde pensamos esse assunto? Nós formulamos perguntas a partir do Estado, ou seja, tomando como dadas as visões oficiais? Nós as postulamos desde baixo? Nós tomamos o extra-nacional como ponto de partida? Queremos pertencer à nação, e em caso afirmativo, em que termos? Devemos conceber a nação como “cívica” ou “étnica”?
3. *A reação autoritária ao problema de fronteiras*: Trata-se de um assunto apenas latino-americano ou é uma questão debatida muito mais amplamente?

Todas essas questões são de grande importância para as realidades contemporâneas da Europa, e não menos da União Européia, em que a salvaguarda do pluralismo, as relações entre nação e supranação e as fronteiras vigiadas contra ‘outros’ ameaçadores são tópicos quantíssimos.

Supranacionalidade

A União Européia formulou a questão do pós-nacionalismo de formas bastante distintas daquelas da América Latina, embora muitas vezes sejamos vistos como um possível modelo por aqui. Quando você passa para um sistema político supra-nacional (que é o que nós temos, em certa medida), você sai da clássica identificação modernista da comunidade política com o Estado-nação e com uma esfera política única. Como se pode ver no trabalho de J. Habermas, por exemplo, tanto a teoria como a análise têm que se transformar para acomodar essas mudanças estruturais. Elas implicam cada vez mais uma mudança, das idéias de identidade nacional para as de identidade supranacional, e para a co-existência desses diferentes níveis de identidade. Se não forem vistos como co-existentes, eles serão vistos como contraditórios e antagônicos.

Alguns – Castells, por exemplo – diriam que estamos deixando de pensar em termos de fronteiras para pensar em termos de redes. O modelo prototípico é o do ‘Estado-rede’, dizem. No entanto, continuo persuadido da persistente importância da territorialidade por várias razões: o *locus* da atividade econômica, social, política e cultural continua a ser predominantemente o Estado-nação, embora, é claro, boa parte dessa atividade tenha sido de fato transferida para o nível internacional.

É a continuada importância do nível nacional, no entanto, e da nação como construção e construtora de identidade coletiva, o que explica porque o problema da fronteira (como indica Martín-Barbero) é tão importante hoje. Eu me espanto mais com o modo como as fronteiras da União Européia estão sendo policiadas e defendidas de uma ‘invasão’ migrante do que com a consciência disseminada de sua permeabilidade. Isso está profundamente conectado com o tema de como se cria uma identidade comum, e como se conceituam o Estado e sociedade civil europeus emergentes. E, é claro – voltando a um ponto anterior -, somos obrigados a perguntar: “Para quem o tema da construção de identidade é um problema?”

Espaço comunicativo

Outra maneira de abordar o tema é apontar para a distinção entre as elites e as massas em suas relações com, e seus usos do espaço comunicativo na Europa. Que existe uma comunidade européia transnacional, não há dúvida. Mas ela é aberta apenas em certos aspectos, limitados. Ela se comunica melhor consigo mesma do que com a comunidade européia

mais ampla. Em suma, há problemas de comunicação de cima para baixo nas instituições políticas europeias. Isso está diretamente relacionado ao tema do “déficit democrático” identificado por Martín-Barbero.

Se quisermos caracterizar de forma muito ligeira a situação atual, podemos trazer destaque para a comunicação das elites transnacionais por meio das redes políticas e econômicas; para a imprensa anglófona de elite; para a persistência da comunicação mediada nacionalmente para a maioria dos cidadãos, na variedade de idiomas da União Europeia, através da imprensa, do rádio e principalmente das televisões nacionais; trazer destaque por fim para a incapacidade de se estabelecer uma esfera cultural comum no campo da mídia audiovisual, e para a promoção oficial da sociedade de informação, com todos os problemas incidentes de igualdade de acesso e de garantia de diversidade de conteúdo e de direção.

Como não é de espantar, esse contraditório espaço político-comunicativo suscita muitas questões sobre quem pertence a que lugar, e também sobre como essa pertinência está relacionada a diferentes espaços comunicativos.

A questão do ‘local’

Ao incluir estes comentários, eu gostaria de relacionar os grandes temas identificados por Martín-Barbero à minha pesquisa atual, que trata do tema do ‘local’ e do impacto da mudança global sobre uma região político-econômica. Gostaria também de introduzir algumas considerações sobre a esfera pública e o espaço comunicativo.

Como o nosso conferencista, tenho-me interessado por tentar entender como estão em curso modos de identificação, lealdade e filiação. No meu caso, porém, o foco não tem sido a América Latina, mas o Reino Unido e a União Europeia. Intriga-me o quanto se mantém em evidência o fato de as molduras políticas serem a chave para se entender espaços comunicativos e culturais. O modo como a imigração é tratada sublinha esse fato com muita clareza.

E isso me leva ao porquê de ser importante dizer que eu não vivo na Inglaterra, mas na Escócia. É uma questão séria, por estar vinculada à relação entre a nação e o Estado. O nome ‘Inglaterra’ é comumente usado como sinônimo de ‘Reino Unido’ ou ‘Grã-Bretanha’. Mas, na verdade, não são termos equivalentes. O Reino Unido é um Estado multinacional, e foi precisamente a união, há séculos atrás, de dois Estados pré-existentes, Inglaterra e Escócia, que lhe deu este nome.

No Reino Unido, estamos atualmente atravessando um processo de autonomização política, que levantou algumas questões cruciais sobre a identidade britânica. A Escócia, uma nação histórica, teve seu parlamento restaurado após quase trezentos anos. Nesse período, o país perdeu seu caráter estatal, mas manteve uma sociedade civil distinta (representada por instituições como Igreja, Justiça, educação, governo local e práticas culturais) que forneceu as bases para a reivindicação atual de ser reconhecida como diferente. Junto com a reinstalação do Parlamento e uma nova forma de governo autônomo, veio uma recomposição do espaço político no Reino Unido. O centro político da Escócia, que antes estava em Londres, agora está em Edimburgo. Isso equivale, se quiserem, a um fortalecimento do sentido de diferença nacional dentro de um Estado mais amplo, e também a um processo de renegociação de identidade coletiva – ambos dentro da Escócia, e dentro do Estado britânico como um todo. Assim, minha insistência no sentido de lugar não parecerá surpreendente agora.

Em sua conferência, Martín-Barbero menciona de passagem a relevância das constituições como parte das histórias que as nações contam sobre si mesmas. Com efeito, vale lembrar que, alguns dias atrás, A. Mattelert sublinhou o fato de que as crises constitucionais – e o uso do Estado de emergência na América Latina – ofereceram um caminho analítico para o entendimento dos funcionamentos de processos comunicativos em condições limitadoras. Em trabalho paralelo, sobre a interpretação de “terrorismo”, eu cheguei a conclusões similares. Mas não é apenas um tal constitucionalismo negativo – a suspensão de direitos, o recurso a repressão e tortura – que se relaciona com o nosso tema. Minha própria pesquisa no contexto europeu sugere que um constitucionalismo mais positivo – a criação de novas instituições políticas e sua relação com uma democratização potencial – também oferece uma entrada para as análises contemporâneas de identidades coletivas e espaços coletivos.

Eu concluo, pois, ressaltando a relevância dos temas levantados pela conferência de Jesús Martín-Barbero para o nosso trabalho tanto na Europa como na América Latina. Ela alimentou meu pensamento e me permitiu utilizar um ponto-de-partida latino-americano para introduzir algumas considerações sobre a Europa de hoje.

Aguardo ansioso nosso próximo encontro, quando, espero, exploraremos uma vez mais nossas situações distintas porém comparáveis.